

"ATERRORIZANTE...  
O MELHOR TRABALHO DE KUBICA ATÉ HOJE."  
- CAROLINE KEPNES,  
AUTORA DO BEST-SELLER YOU

MARY  
KUBICA

PROCURA-SE  
AQUELA  
GAROTA

TRECHO ANTECIPADO POR  PLANETA. VENDA PROIBIDA.

MARY  
KUBICA

PROCURA-SE  
AQUELA  
GAROTA

*Tradução*  
Fal Vitiello



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Mary Kyrychenko, 2021  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026  
Copyright da tradução © Fal Vitiello, 2026

Todos os direitos reservados.

Este livro foi publicado em acordo com Harlequin Enterprises ULC.

Título original: *Local woman missing*

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação da autora ou são usados de forma ficcional, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou lugares é mera coincidência.

*Preparação:* Luana Negraes

*Revisão:* Angélica Andrade e Camila Gonçalves

*Projeto gráfico e diagramação:* Matheus Nagao

*Capa:* Fernanda Mello

*Imagem de capa:* Julie Stolte / iStock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kubica, Mary

Procura-se aquela garota / Mary Kubica ; tradução de Fal Vitiello.

– São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

320 p.

ISBN 978-85-422-4178-5

Título original: *Local woman missing*

I. Ficção norte-americana I. Título II. Vitiello, Fal

26-1096

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Ouço passos. Eles se movem pelo teto sobre minha cabeça. Meus olhos seguem o som, mas não há nada para ver, porque são apenas passos. Mas isso não importa, porque só o som é suficiente para fazer meu coração disparar, minhas pernas tremerem e uma veia em meu pescoço pulsar.

Sei que é a mulher que está vindo porque ela anda descalça, enquanto o homem sempre usa sapatos. Há algo mais leve nos passos dela que nos dele. Os pés dela não batem no chão como os do homem. Os passos dele são barulhentos e graves, como o estrondo de um trovão à noite.

O homem também está lá em cima agora, porque ouço a mulher falando com ele. Ouço sua voz feia e ofegante dizer que é hora de nos dar comida. Ela diz isso como se estivesse irritada com algo que fizemos, embora não tenhamos feito nada, pelo menos até onde sei.

No topo da escada, a fechadura é destrancada. A porta se abre de repente, permitindo que uma fresta de luz machuque meus olhos.

Franzo a testa e a vejo parada ali com seu robe feio e seus chinelos feios, suas pernas magras, joelhos pontudos e machucados. O cabelo está despenteado. Ela está de cara feia. Está irritada porque precisa alimentar Gus e eu.

A mulher se curva, deixa algo cair no chão com um baque. Se me vê escondida nas sombras, não olha para mim.

Este lugar onde os dois escondem a gente tem o formato de uma caixa. Há quatro paredes e uma escada no centro do cômodo que sobe para outro andar. Eu sei porque senti cada centímetro das paredes ásperas e esburacadas, procurando uma saída. Conte os degraus de canto a canto. São quinze, mais ou menos, dependendo do tamanho dos meus passos e se meus pés estão crescendo ou não. Meus pés, na verdade, estão crescendo mesmo, porque os sapatos que eu tinha quando cheguei não servem mais. Eles pararam de servir há muito tempo. Mal consigo encaixar o dedão neles. Não uso mais sapatos aqui porque começaram a me machucar. Tenho roupas. Não sei de onde vieram, mas não são as mesmas que usava quando cheguei aqui. Aquelas pararam de servir há muito tempo, e então a mulher comprou novas para mim. Ela ficou irritada com isso, assim como está irritada por ser obrigada a alimentar Gus e eu.

Uso essas mesmas roupas todos os dias. Não sei exatamente como são por causa da escuridão aqui embaixo. Mas sei que a calça é larga e que a camisa tem mangas muito curtas porque estou sempre tentando puxá-las para baixo quando sinto frio. Sempre que meu fodor chega ao nariz da mulher, ela me faz ficar nua – e congelando – na frente do Gus enquanto lava minha calça e a camisa. Ela me diz coisas enquanto cuida dessa tarefa. *Sua vadiazinha ingrata*, porque ela fica louca da vida por precisar lavar minhas roupas.

Está escuro como breu onde estamos. O tipo de escuro com que os olhos nunca se acostumam porque é escuro demais. De vez em quando, passo a mão na frente dos olhos. Procuo movimento, mas não há o que ver. Se eu não soubesse, pensaria que minha mão tinha sumido, que ela se levantou e saiu do meu corpo, que de alguma forma foi arrancada de mim. Mas isso teria doído e haveria sangue. Não que eu pudesse ver o sangue, por causa da escuridão aqui embaixo, mas teria sentido a umidade. Teria sentido a dor da minha mão sendo arrancada do meu corpo.

A gente se desafia às vezes. A gente anda de uma parede à outra na escuridão, para ver se alguém amarela antes de bater o rosto. As regras dizem que a gente precisa manter os braços grudados no corpo. É trapaça usar as mãos para tentar sentir as coisas.

A mulher grita do alto da escada, com a voz afiada como espinhos de roseira.

— Isso aqui não é um restaurante e eu não sou garçõnete. Quem quer comer tem que vir pegar.

A porta se fecha com um estrondo. Uma fechadura estala e lá estão de novo os passos se afastando.

A mulher não se daria ao trabalho de alimentar Gus e a mim, mas o homem a obriga, porque *não quer ter sangue nas mãos*. Já o ouvi dizer isso. Por muito tempo, tentei me forçar a não comer, mas acabei tonta e fraca por causa disso. Então, a dor na minha barriga ficou tão forte que precisei comer. Achei que devia haver um jeito melhor de morrer do que de fome. Aquilo doía demais.

Mas tudo isso foi antes de Gus chegar. Depois que ele chegou, eu não quis mais morrer porque, se eu morresse, daí Gus ficaria sozinho. E eu não queria que Gus acabasse completamente sozinho neste lugar.

Eu me levanto do chão. O chão é frio e duro como pedra. É tão duro que, se fico muito tempo sentada no mesmo lugar, acabo não sentindo mais o traseiro. Fica tudo dormente e, depois da dormência, a pele fica formigando. Minhas pernas estão exaustas, o que não faz sentido, porque elas não fazem quase nada além de ficar paradas. Elas não têm motivo para estarem cansadas, mas acho que é por isso mesmo que ficam tão exaustas. Simplesmente se esqueceram de como andar e correr.

Subo até o topo da escada, um degrau de cada vez. Não entra nenhuma luz neste lugar onde mantêm Gus e eu. Estamos no subsolo. Não há janelas aqui e aquela fresta de luz que deveria estar sob a porta não está lá. O homem e a mulher que moram lá em cima ficam com toda a luz só para eles, sem dividir nada com Gus e comigo.

Subo as escadas Tateando. Já repeti isso tantas vezes que sei o que estou fazendo. Não preciso ver. Conto os degraus. São doze. E são de madeira tão áspera que às vezes fico com farpas nos pés só de pisar neles. Nunca vejo as farpas, mas sinto quando se enfiam na minha pele. Sei que estão lá. Mamãe costumava tirar as farpas das minhas mãos e dos meus pés com a pinça. Penso nessas farpas enfiadas para sempre na minha carne e fico pensando se caem sozinhas ou se ficam onde estão, me transformando aos

poucos num porco-espinho. Há uma tigela de cachorro esperando no alto dos degraus para Gus e eu dividirmos. Também não vejo a tigela, mas sinto seu peso nas mãos, seu acabamento liso e arredondado. Já houve um cachorro nesta casa. Mas não mais. Agora o cachorro se foi. Eu costumava ouvi-lo latir. Costumava ouvir o arranhar das unhas no teto acima de mim e fingia acreditar que um dia o cachorro abriria a porta e me libertaria. Ou então me comeria viva, porque, pelo barulho, era um cachorro grande e bravo.

A mulher não gostava quando o cachorro latia. Ela dizia ao homem para calar o cachorro – *ou você cala a boca dele, ou eu vou calar* – e então, um dia, os latidos e os arranhões desapareceram, assim, de repente, e agora o cachorro se foi. Nunca cheguei a ver aquele cachorro, mas imaginei que fosse grande por causa do latido superalto.

Dentro da tigela de cachorro tem uma coisa pastosa, tipo mingau de aveia. Levo a tigela de volta lá para baixo. Eu me sento no chão frio e duro e me encosto numa parede de concreto. Ofereço um pouco a Gus, mas ele diz não. Diz que não está com fome. Tento comer, mas a papa é horrível. Meu estômago parece querer devolver tudo. Continuo comendo mesmo assim, mas a cada bocado fica mais difícil engolir. Preciso me obrigar. Como só para garantir que minha barriga não vai doer depois, porque não dá para saber quando a mulher vai trazer mais comida. Minha boca saliva, e não de um jeito bom. Saliva do jeito que acontece logo antes de você vomitar. Eu me engasgo com a papa, vomito na boca e depois engulo de volta. Tento fazer Gus comer um pouco, mas ele continua não querendo. Não posso culpar o Gus. Às vezes é melhor passar fome do que comer a comida daquela mulher.

Tem um banheirinho aqui embaixo para Gus e para mim. É onde fazemos nossas necessidades no escuro, torcendo e rezando para que o homem e a mulher não desçam quando estamos no vaso. A gente tem um acordo. Quando Gus vai, eu vou para o outro canto e fico cantarolando para não ouvir nada. Quando eu vou, ele faz a mesma coisa. Aqui não tem papel higiênico. Não dá para lavar as mãos, nem qualquer outra parte do corpo, aliás. Estamos muito sujos, mas coisas assim já não importam mais, a não ser quando nossa imundície deixa a mulher furiosa.

Não dá para tomar banho de verdade neste lugar. Mas, de vez em quando, chega um balde de água fria com sabão e esperam que a gente tire toda a roupa, use as mãos para se esfregar e se limpar, e que depois fique sem se mexer, com frio e molhado, enquanto seca.

É úmido aqui embaixo, onde nos fazem ficar, uma umidade fria e pegajosa como suor, do tipo que nunca vai embora. A água escorre pelas paredes e, quando chove forte, às vezes goteja. A água da chuva se acumula no chão ao meu lado, formando poças. Eu caminho por essas poças com os pés descalços.

No escuro, às vezes ouço outra coisa espirrando nessas poças. Ouço algo arranhando o chão e as paredes com pequenas garras. Eu sei que há algo ali, algo que não consigo ver. Tenho palpites, mas não sei ao certo o que é.

Tenho certeza de que há aranhas e traças aqui embaixo. Não que eu consiga vê-las, mas às vezes, quando tento dormir, sinto perninhas deslizando sobre minha pele. Eu poderia gritar, mas não adiantaria nada. Deixo os bichos em paz. Sei que não querem estar aqui mais do que eu.

Eu não estou sozinha aqui embaixo, não desde que Gus chegou. Melhora demais a situação saber que nunca estou completamente sozinha e que há alguém aqui para testemunhar todas as coisas que a mulher faz comigo. Geralmente é a mulher quem me machuca, porque ela não tem um pingote de bondade no coração. Pode ser que o homem seja um pouquinho bom, porque às vezes, quando a mulher não está em casa, ele traz um mimo, como balas ou algo assim. Gus e eu sempre ficamos agradecidos, mas no fundo não consigo deixar de me perguntar por que ele está sendo gentil.

Não sei quantos anos tenho. Não sei há quanto tempo eles me mantêm aqui.

Estou sempre com frio. Mas a mulher lá de cima não dá a mínima. Uma vez, eu disse pra ela que estava com frio e ela ficou com raiva, me chamou de coisas como *geniosa* e *ingrata*, palavras que eu não sei o significado. Ela me chama de muitas coisas. Se eu não tivesse aprendido isso antes, acharia que meu nome é tanto *Idiota* ou *Imbecil* quanto *Delilah*.

*Venha pegar o seu jantar, imbecil.*

*Pare de choramingar, sua idiota.*

O homem me trouxe um cobertor. Dormi com o cobertor por uma noite, mas depois o homem o tirou de mim para que a mulher não descobrisse o que ele tinha feito.

Já não sei mais a diferença entre dia e noite. Há muito tempo, luz significava dia e escuridão significava noite, mas aqui embaixo não é assim. Agora é tudo escuro o tempo todo. Durmo o máximo que posso, porque o que mais há para fazer com o meu tempo além de conversar com Gus e desafiá-lo a brincar com as paredes? Às vezes eu nem posso falar com Gus, porque a mulher fica furiosa. Ela grita do alto da escada para eu parar de tagarelar antes que ela cale a minha boca de vez. Gus só sussurra, porque tem medo de se meter em confusão. Gus é um medroso, mas não posso culpá-lo. Gus é o bom. Eu sou a má. Eu sou a que está sempre se metendo em encrenca.

Tentei contar há quantos dias estava aqui embaixo. Mas não tem como fazer isso, já que eu não consigo distinguir os dias das noites. Desisti disso há muito tempo.

Os sons lá de cima são minha melhor medida de tempo. O homem e a mulher estão fazendo barulho agora, falando palavrões na maior parte das vezes, porque nunca são gentis um com o outro. Prefiro quando estão barulhentos, porque, quando estão brigando entre si, ninguém presta atenção em Gus e em mim. É quando ficam quietos que eu fico mais assustada.

Coloco a tigela do cachorro de lado. Fiz o melhor que pude. Se tentar comer mais, vou vomitar. Ofereço mais um pouco a Gus, mas ele recusa. Não sei como Gus está aguentando tanto tempo, considerando como ele come pouco. Nunca consigo vê-lo direito na escuridão, mas imagino que ele esteja só pele e osso. Já o vi de relance quando a porta se abre lá em cima e temos uma frestinha de luz. Ele tem cabelo castanho. É mais alto que eu. Acho que teria um sorriso bonito, mas Gus provavelmente nunca sorri. Nem eu.

A colher bate na tigela. Eu me abaixo e a seguro. Por algum motivo, às vezes fico pensando no jeito como aquela mulher desce as escadas. Não gosto disso. Ela só vem quando está furiosa e procurando alguém para descontar a raiva.

Claro que Gus ouve o tilintar da colher. Ele pergunta o que estou fazendo com ela. Às vezes, acho que Gus consegue ouvir meus pensamentos.

— Vou ficar com ela — respondo.

Gus me diz que uma colher redonda não vai servir para machucar ninguém, se é isso que estou pensando, e é.

— Você só vai se meter em encrenca por não devolver a colher para a mulher — diz ele. Nunca consigo ver a expressão em seu rosto, mas imagino que ele esteja preocupado com o que vou fazer. Gus sempre se preocupa.

— Se eu descobrir uma maneira de torná-la afiada, vai machucar — digo.

Estou torcendo para a mulher ser tão lerda da cabeça a ponto de esquecer completamente a colher quando vier buscar a tigela. Jogo o resto da papa no vaso sanitário para ela não ficar brava e nos xingar por não termos comido tudo. Coloco a tigela vazia no alto da escada e começo a pensar em como vou fazer para deixar essa colher redonda afiada como uma lança.

Não há muito com o que trabalhar neste lugar onde nos mantêm presos. O homem e a mulher não dão nada para mim e para o Gus. Não temos roupas além das que estamos vestindo, nem cobertores, nem travesseiros, nada. A única coisa que temos, além do chão e das paredes, somos nós dois e aquele vaso sanitário imundo na outra ponta do quarto completamente escuro.

Só depois de tentar afiar minha colher nas paredes e no chão é que decido tentar com o vaso.

Não sei nada sobre vasos sanitários além do fato de que é onde faço minhas necessidades e de que o nosso nunca foi limpo. A escuridão é uma bênção quando se trata do vaso, porque eu não quero ver o interior dele, não depois de tanto tempo em que estamos defecando ali sem que ninguém limpe. Só o fedor já é suficiente para me fazer engasgar.

— Aonde você vai? — pergunta Gus quando levo a colher até o vaso. Gus e eu temos um jeito de saber o que o outro está fazendo sem realmente ver. Isso acontece por viver aqui embaixo tempo suficiente e conhecer os hábitos um do outro.

— Você vai ver — respondo. Gus e eu falamos em sussurros. Tenho quase certeza de que o homem e a mulher que moram lá em cima não estão em casa agora, porque ouvi as portas abrindo e

fechando há pouco tempo. Ouvi os passos altos deles ficarem subitamente silenciosos. Não há ninguém lá em cima falando agora, ninguém gritando, nenhum som vindo da televisão.

Mas não dá para ter certeza. Porque, se eles estiverem aqui, não quero que escutem o que o Gus e eu estamos falando, nem saibam o que estou fazendo com a colher roubada. Se descobrissem, eu levaria uma surra – ou coisa pior. Nunca tentei fugir, nem fazer uma arma, mas o bom senso diz que isso deve dar um castigo muito pior do que não terminar o jantar nojento da mulher ou dizer a ela que estou com frio.

Deixo minhas mãos correrem sobre o vaso por um tempo. Tateio, procurando algum ponto áspero. Mas o vaso é liso como o bumbum de um bebê. Quase desisto, achando que não vou encontrar um lugar para afiar minha colher. É tudo uma peça só, exceto a parte de cima, a tampa, que descubro por acaso que sai. Ergo-a nos braços. É mais pesada do que imaginei, puro peso morto. Quase a deixo cair.

— O que foi? — pergunta Gus, em pânico por causa do barulho que fiz. Acho que o Gus é mais novo que eu, pela maneira como é tão medroso, apesar de ser mais alto. Mas qualquer um pode ser um covarde, não importa a idade ou o tamanho.

— Não foi nada — digo, sem querer pensar no que teria acontecido se eu tivesse deixado a tampa cair. Coloco-a com cuidado no chão, virada de cabeça para baixo. — Não se preocupe com isso. Não tem problema nenhum. Está tudo bem.

Gus está sempre angustiado. Fico imaginando se ele sempre foi assim ou se o homem e a mulher o deixaram desse jeito. Fico pensando que tipo de menino ele era antes de vir parar aqui. Do tipo que subia em árvores, pegava sapos e brincava de fantasma à noite no cemitério, ou do tipo que lia livros e tinha medo do escuro? Tentamos conversar sobre isso uma vez, mas fiquei triste e acabei dizendo ao Gus que não queria mais falar no assunto. Porque a maioria das minhas lembranças mais antigas tem aquele homem e aquela mulher nelas – e, nelas, eles estão fazendo coisas ruins comigo, coisas de que eu não gosto.

O homem e a mulher guardaram o jornal da época em que eu desapareci. A mulher lia aquelas matérias em voz alta para mim, contando o que tinha acontecido com a minha mãe, mostrando fotos do meu pai chorando em frente à nossa casa grande e azul. Ela disse que

a polícia estava me procurando. Mas então, logo depois, ela me fez sentir péssima se gabando, dizendo que a polícia não estava mais me procurando. Falou que eu já era notícia velha e que ela e o homem tinham se safado por pegar uma criança que não era deles.

— Roubar crianças é a coisa mais fácil do mundo — afirmou.

Volto a investigar o vaso sanitário. Descubro que o reservatório está cheio de água imunda, na qual enfio o braço inteiro por engano, até o cotovelo. Estremeço e o sacudo para secar, sem saber se é xixi ou outra coisa. Então me abaixo no chão e passo os dedos pela parte interna da tampa do reservatório.

A parte de dentro é bem diferente do resto do vaso. É áspera e rugosa, não tem aquela lisura de pele de bebê. Meus dedos tocam uma saliência irregular na parte interna, como um lábio. Essa saliência irregular talvez sirva para o que eu preciso.

Gus está morrendo de preocupação, achando que o que eu estou planejando não vai acabar bem. Tenho tentado há muito tempo fazê-lo ver que não temos opção se quisermos sair deste lugar. Mas este é o problema do Gus: ele prefere ficar aqui a arriscar ser pego tentando fugir.

Passo a borda da colher de um lado para o outro na saliência. Várias vezes meus nós dos dedos raspam nela e sinto que estão ficando esfolados. Arde pra caramba, mas continuo. Leva bastante tempo, mas finalmente a borda da tampa da caixa do vaso começa a deformar a colher. Não chega a ficar afiada como uma lança, mas vai ficando irregular – e promete ficar mais afiada quanto mais eu trabalhar nela.

— Você não devia estar fazendo isso — diz Gus.

— Por que não? — pergunto.

— Eles vão matar você.

Passo o dedo pela borda deformada, sentindo esperança pela primeira vez em muito tempo.

— Não se eu matar os dois primeiro — respondo.

Nunca pensei em machucar ou matar uma pessoa. Eu não sou assim. Não tenho uma gota de maldade no corpo – ou, pelo menos, acho que não tinha antes de vir para este lugar. Mas ficar trancada no escuro faz mal para a cabeça de uma pessoa. Muda a gente.

Transforma a gente em algo novo. Não sou mais a mesma pessoa que era antes daquele homem e daquela mulher me roubarem.

Se não fosse por Gus, eu não teria sobrevivido tanto tempo neste lugar. Gus é a melhor coisa que me aconteceu.

Não sei bem quando foi que Gus chegou. Tudo o que sei é que ele apareceu do nada um dia, enquanto eu dormia. Fui dormir e, quando acordei, ele estava ali, chorando num canto, pior que eu.

Ele me contou que o homem e a mulher tinham aberto a porta do porão e o empurrado escada abaixo, para depois trancarem a gente. Gus tinha doze anos na época. Só Deus sabe se ele ainda tem doze anos.

O que Gus me contou quando parou de chorar foi que eles usaram aquele cachorro enorme deles para atraí-lo para o carro. O pobre do Gus gostava de cachorros e não conseguiu se conter quando a mulher sorriu gentilmente e perguntou se ele queria fazer carinho no cachorro deles, que estava com a cabeça enorme para fora da janela do carro.

Gus estava no parquinho naquele dia, jogando bola sozinho quando eles o roubaram. Fazendo cestas. Não havia ninguém por perto para ver quando eles foram embora. A bola ficou para trás. Fiquei pensando por que Gus estava jogando bola sozinho e se isso significava que ele não tinha amigos, mas nunca perguntei. Coisas assim já não importam mais, de qualquer forma, porque agora ele tem a mim.

Continuo trabalhando na minha colher. Não sei há quanto tempo venho fazendo isso, mas a lixei o bastante para formar uma ponta. Não é a melhor ponta do mundo. É irregular e desigual, mas no topo da colher o metal afina até virar uma ponta afiada. Dói quando a cravo no meu dedo. Sou covarde demais para apertar com força suficiente para fazê-lo sangrar, mas logo vou ter de fazer isso. Preciso testar essa coisa. Preciso saber se funciona.

Perdi a noção de há quanto tempo venho afiando esse troço. Tempo suficiente para minha mão estar exausta. Gus se ofereceu para fazer isso por mim, mas eu disse que não porque não queria que ele se metesse em encrenca. Sei que ele não quer ajudar porque está morrendo de

medo do que estou fazendo. Ele só estava tentando ser gentil, mas se alguém vai pagar o pato por causa desta colher, sou eu.

Escondo a colher quando não estou trabalhando nela. Escondo dentro da caixa do vaso, cobrindo ao colocar a tampa de volta no lugar.

Mas agora não está escondida porque estou trabalhando nela, mesmo com o homem e a mulher bem ali em cima. Não tenho outra escolha se quisermos sair daqui. Tirei a tampa do vaso. Estou afiando a colher com toda a minha força quando ouço a mulher dizer para o homem que precisa nos alimentar. Não há aviso algum, a porta se escancara de repente, e lá está de novo aquele filete fino de luz que machuca meus olhos. No mesmo instante, a mulher está no alto da escada.

— Aqui está o jantar — diz ela, e não me mexo imediatamente porque, quando fala desse jeito, ela só coloca a tigela de cachorro ali no alto dos degraus e vai embora. Mas não esta noite.

Hoje, quando não vê ninguém, ela diz:

— Quantas vezes já disse que eu não sou sua maldita garçonete e que isso aqui não é nenhum maldito restaurante? É melhor levantar essa bunda e vir pegar o jantar em cinco segundos, ou então... Cinco... — grita ela, começando a contar.

Olho para Gus, mas ele está paralisado de medo. Tenho de fazer isso, porque Gus está congelado de terror. Ele não consegue se mover.

— Quatro... — diz ela, e antes que eu perceba a mulher está fazendo a contagem regressiva mais rápido do que consigo colocar a colher de volta no vaso, recolocar a tampa em silêncio e erguer minhas pernas adormecidas do chão para correr.

Não sou burra. Sei quantos segundos faltam até ela chegar ao um – e não são muitos. Lembro como contar e fazer cálculos, porque contar os segundos que passam é uma dessas coisas que faço quando estou morrendo de tédio. Sei que a mulher vai chegar ao um num piscar de olhos.

— Três... — ela vai contando. Nunca vou conseguir chegar lá a tempo. Minhas mãos e pernas estão tremendo. Meu coração bate alto. Vejo Gus de relance, pelo canto do olho, enquanto passo correndo. Ele está sentado no chão, com as pernas encolhidas contra o corpo, morrendo de medo, querendo chorar.

A mulher chega ao número um quase no mesmo instante em que meus pés tocam o primeiro degrau. Ela está lá em cima, no topo da escada, olhando para mim. Tenho que apertar os olhos para enxergá-la, porque meus olhos não estão acostumados com a luz. Ela está em pé, segurando aquela refeição nojenta na tigela de cachorro.

Ouçõ a risada feia dela quando chega ao um. Está se deliciando em me ver correr de medo.

— Você não está com fome? — pergunta, de pé no alto da escada, com aquele ar presunçoso de quem acha que sabe tudo.

Não espera resposta. Antes que eu consiga dizer uma palavra, pergunta:

— Acha que eu tenho o dia todo pra ficar aqui esperando você vir pegar sua comida?

— Não, senhora — respondo, com os lábios tremendo.

— Não, senhora o quê? — pergunta, ríspida.

— Não, senhora, eu não acho que a senhora tenha o dia todo para ficar esperando eu vir pegar minha comida — digo, me engasgando com as palavras.

— Você não está com fome? — pergunta ela, e preciso pensar um instante na resposta certa. Estou com fome. Só não estou com fome da comida dela. Mas se eu disser isso ela vai ficar brava, porque teve o trabalho de preparar comida para mim.

— Estou com fome, senhora.

— Seria bom mostrar um pouco de gratidão de vez em quando. Eu não preciso te alimentar, sabia? Podia simplesmente deixar você aí, morrendo de fome — diz a mulher.

— Desculpe, senhora — respondo.

Meus olhos se fixam no chão para que eu não precise ver a cara feia dela.

— O que estava fazendo aí embaixo que demorou tanto pra vir? — ela pergunta.

Não gosto do jeito como está me olhando, como se soubesse de algo que não deveria saber. Meu estômago revira, pensando que talvez ela saiba que andei aprontando. Sinto o corpo enrijecer ali, no pé da escada. Mas minha colher está bem escondida dentro do vaso, onde ela nunca vai encontrar. Minha colher está segura — e por isso eu também estou, por enquanto.

— Eu estava dormindo.

— O que foi que disse? — rosna a mulher, de repente mais furiosa que antes. Lá no alto da escada, o rosto dela fica vermelho como um pimentão.

Percebo meu erro tarde demais.

— Eu estava dormindo, *senhora* — digo. Nunca devo dizer nada sem colocar “senhora” no final. Devo mostrar respeito por tudo o que ela faz por mim, caso contrário sou castigada.

A mulher fica em silêncio por um bom tempo. Está apenas me encarando. Não gosto do silêncio, porque quando fica calada é quando ela mais me assusta.

— Parece que alguém não vai comer esta noite, afinal — diz ela, e então murmura, entredentes: — Cadela ingrata.

Ela se afasta e leva a gororoba junto. No alto da escada, bate a porta com força e gira a chave na fechadura. Dou um passo para trás e desço do degrau de madeira para o chão de concreto, pensando que, se o pior que ela tem para mim é tirar o meu jantar e o de Gus, então escapei fácil desta vez. Mas não sou burra. Sei que isso é bom demais para ser verdade.

Aquela mulher não alimenta a gente desde o dia em que esqueci de dizer “senhora” – não que eu queira comer a comida nojenta dela. Mas só porque não quero, não quer dizer que não esteja com fome. Não quer dizer que não precise comer. Não sei quanto tempo passou desde o dia em que ela tentou nos alimentar pela última vez. Parece que já faz semanas.

No começo, eu estava com uma fome danada. Mas então, por mais estranho que pareça, aquela sensação de fome passou – só para ser substituída por outra coisa. Algo pior. Nos primeiros dias, tudo em que eu pensava era comida, até ter certeza de que podia sentir o cheiro e o gosto dos pratos que imaginava. Agora, já não penso tanto nisso. Agora só penso em como será morrer de fome. Fico imaginando se vou simplesmente morrer dormindo ou se vou perceber o momento em que vou parar de respirar e meu coração vai parar de bater, porque vou estar ofegante ou algo assim.

A mulher também não trouxe nada para a gente beber. Estou morrendo de sede. Gus e eu ficamos tanto tempo sem água que acabamos bebendo daquela água parada do fundo da caixa do vaso, porque era tudo o que tínhamos. Temos tomado só golinhos, sem saber se ou quando ela vai acabar. Nunca bebemos o suficiente para matar a sede. Continuamos com uma sede insuportável.

Não sou a única por aqui com fome. Gus também está faminto. Ouço o estômago dele roncar, mas Gus não fala nada sobre estar com fome, embora nós dois saibamos que é minha culpa ele estar assim.

Gus está dormindo agora. Eu estou tentando dormir. Mas tenho coisas demais na cabeça para conseguir. Agora que a mulher está nos matando de fome, sei que precisamos sair daqui se não quisermos morrer. Precisamos aproveitar a próxima oportunidade de fugir, se é que ela vai aparecer. Tenho feito meus exercícios. Não é fácil, porque depois de tanto tempo sem comer estou fraca que só. Minhas pernas não funcionam direito, e se eu quiser ter alguma chance de fugir daqui, tenho de prepará-las. Tenho passado o tempo correndo parada, abaixando para tocar os dedos dos pés, marchando em voltas pelo calabouço enquanto Gus me observa, pergunta o que estou fazendo, implora para eu parar. Gus não gosta da ideia de fugirmos porque está morrendo de medo de sermos pegos.

Dei de ombros quando ele disse isso e falei:

— Talvez sejamos pegos, talvez não. Mas como é que dá pra saber se a gente não tentar?

Disse a ele que, quando eu disparar, ele precisa se preparar e vir logo atrás de mim. Não pode ser lerdo, porque é melhor estarmos mortos do que sermos pegos.

Agora estou sentada com minha colher no colo. Mantenho-a perto. Não é uma lança. Acho que nunca vai ser uma lança, mas está deformada o bastante para ter uma ponta afiada e poderia atordoar alguém – se não matar. Atordoar alguém talvez seja o máximo que consigo, mas é melhor que nada.

De repente, a porta range ao se abrir. Prendo a respiração. Não é a mulher quem vem. É o homem. Reconheço pelo som dos passos,

embora ele esteja tentando fazer silêncio – o que me diz que a mulher também está lá em cima, mas não sabe que ele está descendo para ver a mim e a Gus.

Aperto a colher com firmeza. A última coisa que quero é machucar aquele que tem sido bom comigo – ou melhor, menos ruim, porque manter crianças no porão nunca é algo bom, mesmo que você não seja quem bate nelas. Mas às vezes a gente tem de fazer o que tem de fazer, e o homem é o menos desconfiado dos dois. Estou pronta – ou pelo menos o mais pronta que consigo estar. Já pensei nisso um milhão de vezes. Na minha cabeça, sei o que fazer. Mas isso não quer dizer que meu coração não esteja disparado. Meus braços e pernas tremem, e sei que preciso controlá-los se quiser fazer isso direito. Respiro fundo, conto até dez. Solto o ar.

— Cadê você? — pergunta o homem, sibilando as palavras na escuridão.

Gus não diz nada.

— Aqui — respondo, apertando a colher com tanta força que machuca minha mão.

Ele vem até mim. Diz que tem uma barra de chocolate para eu comer. Ouço o som do papel sendo rasgado.

— Pra ela, tanto faz deixar você aqui pra morrer de fome. Mas não se preocupe. Não vou deixar nada de ruim acontecer com você. — Está tentando ser gentil, compensar o tempo todo que ela passou sem nos alimentar. Sente-se mal por isso. Coloca a barra de chocolate na minha mão. — Pode comer — diz ele.

Não é a primeira vez que o homem me traz chocolate. Uma vez me trouxe um cupcake, disse que era meu aniversário. Não sei se era mesmo. Levo a barra à boca. Encosto os lábios e provo o chocolate. É mais gostoso que qualquer um que já provei. Mordo devagar. Essa barra é daquelas com castanhas. Tem algo pegajoso dentro. Esse algo escorre até o meu queixo, doce de um jeito que me dá vontade de chorar. Não consigo me lembrar da última vez que comi algo tão doce em toda a minha vida. Vou mordiscando, porque quero que a barra de chocolate dure para sempre.

Eu deveria guardar um pouco para o Gus. Ele adoraria. E Gus precisa comer muito mais do que eu. Ele está definhando. Mas

não quero que o homem pense que sou ingrata. Além disso, ele provavelmente tem outra para o Gus.

Dou outra mordida. O doce do açúcar percorre meu sangue. Faço um barulho de prazer.

— Tá gostoso? — pergunta o homem, tão perto que sinto o hálito dele em mim quando fala. Fede.

— É bom — respondo com um pedaço de chocolate na boca. Ele gruda nos meus dentes, pegajoso como cola.

O homem está tentando me amaciar. Fala manso, tentando me agradar, e não sei se é porque se sente mal pela mulher me deixar com fome ou se é porque tem outra coisa em mente.

— Tenho mais guardado. Quando quiser, é seu. Tudo o que precisa fazer é pedir.

O homem está perto demais. Onde quer que a mulher esteja, ela não sabe que ele está aqui.

Pode nunca mais haver uma oportunidade tão boa quanto esta.

Estou nervosa, porque fico pensando em tudo o que pode dar errado quando eu tentar perfurá-lo com a colher. O medo quase me domina. Quase me convenço a desistir. Mas então penso em Gus passando o resto da vida neste lugar e sei que preciso fazer isso por ele. Preciso tirar Gus daqui, nem que seja a última coisa que eu faça. Seguro a colher com força, apertando os dedos no cabo. Tenho apenas uma chance de fazer isso direito. Não planejo mirar em nada específico. Até porque está escuro demais para ver onde estou mirando. Só preciso golpear e ver onde acerta.

O homem está dizendo o quanto sou bonita quando eu respiro fundo, apavorada, e enfio aquela colher com toda a força nele. Se tivesse que adivinhar, diria que acertei em algum lugar do pescoço do homem, pela posição em que ele está. Quando o golpeio, a ponta da colher afiada entra nele; sei disso porque não parece um beco sem saída quando toca a pele. Não vai muito fundo, mas vai — deixando mais que um arranhão. O homem solta um grito agudo.

O que tenho não é uma faca. É algo muito inferior a uma faca. Um golpe só não vai bastar. Arranco a colher do pescoço do homem e o golpeio de novo e de novo. Não sei o quanto de dano estou causando, mas, pelo som que ele faz, está doendo.

O homem cai no chão, me levando junto. Ele geme e agarra o próprio corpo, me xingando. Tento me levantar. Quando faço isso, ele estende o braço e agarra o meu cabelo com as mãos suadas. Me afasto, sentindo alguns fios sendo arrancados. Solto um grito e continuo.

O homem tenta me agarrar de novo, mas desta vez estou de pé. Ele pega minha perna e tenta puxar para me impedir de sair. Eu o chuto. Estou descalça, então não machuca nada, mas chuto com tanta força que suas mãos me largam, ele não consegue mais me segurar.

Deixei o homem no chão. Pelo som que faz, não vai conseguir se levantar rápido o suficiente para me segurar.

— Vamos — chamo o Gus, apressando-o enquanto subo correndo aquelas escadas. Devo ter deixado a colher cair, porque não estou mais com ela.

No topo da escada, ponho a mão na maçaneta e giro. Ouço os passos assustados do Gus atrás de mim. Pelo som, ele está andando, mas eu precisava que ele corresse. Digo para se apressar. Sinto uma pontada de dor de cabeça, um zumbido nos meus ouvidos. Gus está chorando.

O homem lá embaixo está fazendo um som. Não é exatamente um grito, mas um gemido forte. Ainda assim, é alto o suficiente para eu começar a me perguntar até onde consegue chegar. Será alto o bastante para a mulher ouvir?

Quando chego lá em cima, não tenho ideia de onde estou. Não tenho ideia de para onde ir. A única vez que estive aqui foi quando me trouxeram para este lugar, naqueles primeiros dois segundos antes de me empurrarem escada abaixo e trancarem a porta logo em seguida. Não me lembro do lugar. Está escuro no andar de cima, mas, diferente do de baixo, não é preto como breu. Aqui e ali há um brilho tênue que me ajuda a enxergar.

Mando o Gus se mexer mais rápido. Não sei o quanto ele ficou para trás. Um rápido olhar por sobre o ombro me diz que ele está perto, mas se distanciando. Sei que o Gus está morrendo de medo e tento tranquilizá-lo, dizendo que vai dar tudo certo.

— Não é hora de ter medo, Gus — digo, tentando não ser dura, mas firme. — A gente precisa ir. Você precisa correr.

Estendo a mão para trás e agarro a dele, puxando-o comigo. A mão dele está fria como gelo. Gus não diz nada, mas de vez em quando escuto seu choro. Ouço a voz da mulher em algum lugar distante, meio adormecida e confusa.

— Eddie? — chama a mulher. — O que houve, Eddie?

O homem está subindo as escadas. Conseguiu se levantar do chão, embora ainda esteja gemendo enquanto persegue o Gus e a mim. Ouço o homem gritar para a mulher, ofegante e furioso.

— Aquela vadiazinha fugiu. Ela está escapando!

— O quê? — pergunta a mulher. — Como, Eddie? Como isso aconteceu?

O homem mente, diz que não sabe. Está dizendo à mulher que eles precisam me encontrar, que não podem deixar a gente escapar.

Acho uma porta na parede. Mal consigo distinguir seu formato quadrado no brilho fraco da noite. Estendo a mão para a maçaneta, mas está trancada. Minha mão suada tateia a porta até encontrar a fechadura.

O homem e a mulher estão se aproximando. Sei disso porque ainda estão gritando um com o outro, dizendo em que direção ir para encontrar o Gus e a mim. Estão se xingando de idiotas, mandando acender uma luz para poderem enxergar. As vozes deles parecem próximas o bastante para que me toquem.

Eles tentam negociar comigo, dizendo coisas como:

— Se você nos disser onde está, vai ganhar um biscoito.

Como se eu fosse burra o suficiente para cair nessa. Nenhum biscoito é bom o suficiente para me fazer viver aqui o resto da vida.

Mas então, num piscar de olhos, eles passam da negociação para a maldade, porque logo depois da oferta do biscoito, eles me chamam de vadia de novo:

— Vou te matar quando puser as mãos em você, sua vadiazinha, sua idiota.

Eles sabem que isso é culpa minha. Eles sabem que o Gus não é tão travesso a ponto de tentar fugir sozinho.

Minha mão suada gira a fechadura, e a porta milagrosamente se abre. Há uma lufada de ar do outro lado. É quente e abafado e me atinge como uma parede. Vem com tudo para cima de mim e eu congelo. Nunca senti isso em todos esses anos que estive aqui. Ar fresco.

O mundo exterior me paralisa no primeiro instante. Mas aí me controlo, porque se não fizer isso, sou presa fácil. Porque quando a porta da frente se abriu, o alarme da casa começou a disparar. Se o homem e a mulher tinham alguma dúvida sobre o nosso paradeiro antes, agora eles têm certeza.

A mulher grita que estamos fugindo.

Eu me obrigo a sair. Começo a correr. Ainda estou com a mão de Gus na minha e sigo correndo, arrastando-o comigo. É tão assustador estar aqui fora quanto ficar dentro da casa. Faz muito tempo que não saio. Quase me esqueci completamente do mundo aqui fora.

O calor e a escuridão me engolem por completo, e corro mais rápido do que jamais corri na vida. Deixo cair a mão de Gus sem querer, mas rezo para que ele consiga me acompanhar. Gus não tem feito exercícios como eu, então não dá para saber se corre rápido. Mas às vezes o medo nos leva a fazer coisas que nem sabíamos que podíamos fazer.

Meus pés descalços correm primeiro sobre pedrinhas e depois sobre a grama. As pedrinhas cortam meus pés, que doem e sangram, mas eu não estou prestando atenção a essas coisas. Quando finalmente chego na grama, é macia e úmida, fazendo cócegas nos meus pés. Mas eu também não consigo sentir isso, não de verdade, porque estou apenas correndo.

Vejo algo brilhando no céu. A lua. Estrelas. Eu tinha me esquecido completamente da lua e das estrelas. Ouço o zumbido de insetos noturnos ao meu redor. Quero parar, observar e escutar, mas não posso. Ainda não. Não agora.

— Fica comigo, Gus — grito por cima do ombro, sabendo que precisamos ir muito, muito longe deste lugar antes de conseguir parar e olhar para trás. Vai que aquele homem e aquela mulher estão a apenas vinte passos atrás e nos alcançam se pararmos para respirar. Pergunto a Gus se ele vem, se está bem. Digo para ele ficar comigo. Para não diminuir o ritmo nem um pouco. — Estamos quase lá, Gus. Estamos quase livres — digo.

Por um tempo, ouço o homem e a mulher chamando. Estão quietos, principalmente porque não querem causar comoção. Eles têm lanternas, no entanto, porque vejo o brilho delas se movendo

entre as árvores. De vez em quando, a luz cai sobre Gus e eu, e me esquivo, mudo de direção, de modo que logo estou completamente desorientada e não conseguiria encontrar o caminho de volta para aquela casa, mesmo se quisesse.

Mas então, depois de um tempo, não consigo mais ouvir o homem e a mulher, o que é um alívio, mas também me aterroriza. Gostaria que eles fizessem algum barulho para que eu soubesse onde estão. Será que os despistamos? Ou estão escondidos nas árvores, esperando por mim?

Lá fora está escuro, ainda é noite. A lua e as estrelas iluminam um tantinho o mundo, permitindo que eu veja um pouco. Depois de todo esse tempo no porão, nossos olhos estão acostumados à escuridão. Isso nos dá uma vantagem sobre o homem e a mulher. Eles não estão acostumados a enxergar no escuro, como Gus e eu. Não sei onde estamos. Há casas, uma rua. Mas não há tantas casas assim, e as que existem ficam separadas por árvores, que são grandes e altas, mas não do tipo grande o bastante para que Gus e eu possamos nos esconder atrás delas. As casas ficam encaixadas entre as árvores e estão escuras, quase sem nenhuma luz acesa. A grama em toda parte está alta demais. Sobe até os meus joelhos e está cheia de ervas espinhosas que arranham minhas pernas e meus pés descalços. São afiadas como facas, me cortando e me fazendo sangrar.

Corro até dar com a cabeça em um galho de árvore e fico atordoadada. Por um instante, vejo estrelas. Meus joelhos travam e eu congelo no lugar, tentando me orientar.

— O que aconteceu? — pergunta Gus. Mas antes que eu tenha a chance de responder, ouço o estalo de um galho vindo de algum lugar atrás de nós e sei que precisamos continuar correndo se quisermos sobreviver.

— Vamos — respondo, e disparo de novo. Ouço o som da respiração pesada de Gus atrás de mim. Depois de um tempo, nenhum de nós fala, porque precisamos guardar o fôlego para correr.

Tropeço em uma árvore caída. Sou arremessada ao chão e atarrito sobre as mãos e os joelhos. Dói, principalmente nos joelhos, mas não posso ficar ali deitada chorando por isso. Eu me levanto, limpo as mãos e os joelhos e volto a correr.

— Cuidado com a árvore — sussurro para Gus enquanto continuo correndo, sabendo que ele deve estar poucos passos atrás, embora sua respiração esteja ficando cada vez mais difícil de distinguir por causa do barulho da minha.

Minhas pernas não aguentam mais correr, e sinto meus pés pesados como chumbo. Meu coração bate forte, por causa da falta de ar – e do medo. Estou morrendo de medo, imaginando o que aquele homem e aquela mulher fariam conosco se nos pegassem. Agora que provei um pouco de liberdade, não quero morrer.

Corro rápido, passo por casas. Atravesso quintais. Corro pela estrada.

Mais adiante, minhas pernas chegam no limite do cansaço. Gus e eu não temos muitas opções. Há algumas casas, mas quais são as chances de alguém abrir a porta para nós se batermos no meio da noite? Não sei se podemos arriscar. Seríamos alvos fáceis se ninguém nos deixasse entrar.

Um esconderijo parece a melhor escolha. Começo a procurar um lugar. Diminuí um pouco o ritmo da corrida. Já não estamos sendo seguidos pelas lanternas, mas não sou burra a ponto de acreditar que o homem e a mulher simplesmente desistiram e voltaram para casa. Eles estão brincando com o Gus e comigo.

No quintal de uma dessas casas, avisto um barracão de jardim escondido sob uma árvore retorcida.

— Vamos, Gus — chamo, sabendo que o barracão seria um lugar tão bom quanto qualquer outro para nos escondermos. — Aqui — digo a ele, reparando em um cadeado na porta, mas vendo que não está trancado de verdade. Ainda dá para entrar.

Tiro silenciosamente o cadeado da argola de metal e levanto a trava. A porta do barracão range quando a puxo, então não abro totalmente. Só o suficiente para entrarmos ali. Escorrego para dentro e deixo espaço para Gus. Mas Gus não vem. Deve ter ficado mais para trás do que eu pensei. Tenho que esperar ele me alcançar. Só quando já estou lá dentro, encolhida atrás da porta, me permito olhar para fora. Prendo a respiração, esperando que Gus apareça no quintal, na escuridão da noite, e venha se juntar a mim no barracão. Mas Gus não está lá.

Olho em volta e o chamo baixinho. Gus não está em lugar nenhum.

Ouçõ passos. Ouçõ as folhas sendo esmagadas por pés, como se alguém estivesse mastigando batatas fritas. Ouçõ uma respiração – arfante, pesada – e, embora eu reze para que seja Gus, sei que não é, porque é o mesmo arfar ofegante daquele homem quando ele estava correndo atrás de mim.

Estou dentro do barracão. Empurrei a porta. Ela não está totalmente fechada, porque eu estava olhando para fora, procurando Gus, quando ouvi os passos. Recuo para dentro da escuridão do barracão quando eles se aproximam. Não fui silenciosa o bastante, porque aquele homem ouviu alguma coisa. Algo o trouxe até aqui.

Agora ele está a poucos centímetros de mim. Estou agachada no canto do barracão, escondida atrás de uma lata de lixo velha e enorme. Não há muito espaço neste lugar, porque está cheio de coisas que não consigo identificar no escuro.

Sinto meu corpo inteiro tremendo. Preciso me sentar no chão de madeira, puxar os joelhos e envolvê-los com os braços para não tremer tanto a ponto de fazer barulho com as coisas ao redor. Fico me perguntando onde está o Gus. Penso que, se o homem está aqui, então quer dizer que ele não pegou Gus. Mas talvez a mulher tenha. Ou talvez Gus esteja escondido em outro barracão, porque, ainda que seja medroso, ele não é idiota e sabe se cuidar.

Os passos do homem circundam todo o barracão. Param bem ali, perto da porta. Sua respiração pesada me faz arquejar mais rápido e alto, de modo que preciso prender a respiração para não denunciar meu esconderijo. Pressiono as mãos contra a boca para que o ar barulhento não entre nem saia. Meu coração está tão acelerado que me deixa tonta. Estou suando frio. Sinto que posso fazer xixi nas calças. Não posso prender a respiração para sempre. Dou uma respiradinha silenciosa e volto a pressionar as mãos contra a boca e segurar.

A lua, do outro lado da porta do barracão, está brilhante. Ilumina o homem, reflete nele enquanto está parado bem diante da entrada aberta. Faz com que ele reluza. Vejo o contorno do corpo dele. Vejo seu queixo pontudo e o cabelo desgrenhado.

O nariz grande. É um homem feio, tão feio quanto a mulher. Não é muito alto, nem de longe tão alto quanto meu pai era, pelo que me lembro dele.

O homem se vira para a porta do barracão e a abre por completo. A porta range, triste por ele estar entrando. Com a porta toda aberta, a lua também se insinua para dentro do lugar, iluminando-o um pouco. Não muito, mas o suficiente para me assustar, porque, com a luz da lua sobre mim, não estou tão invisível quanto pensei.

Fecho os olhos e enfio a cabeça entre os joelhos, tentando me encolher o máximo possível.

Ouçoo o clique da lanterna sendo ligada. Através das pálpebras fechadas, percebo o clarão da luz enquanto ela passeia pelo interior do barracão, refletindo nas paredes. Nunca senti tanto medo na vida.

A lata de lixo é alta e larga, mais alta e mais larga que eu. Estou encolhida com tanta força que meu corpo dói. Enrolei-me numa bola, como um tatuzinho. Não respiro muito, apenas o suficiente para não ficar roxa. Mas são meias respirações, nunca deixando entrar ou sair ar suficiente, de modo que meu peito dói e queima. Faço xixi. Minha calça fica encharcada.

A luz da lanterna se move e fica mais fraca, mas não desaparece completamente. Ele está examinando outra parte do barracão. Os segundos passam devagar, se arrastam. Com os olhos bem fechados, não vejo nada, mas imagino o homem inspecionando cada fresta, cada canto e recanto de todo aquele lugar, procurando por mim.

Começo a me preocupar, achando que deixei um pé de fora, que a manga da minha blusa ou um tufo de cabelo sujo está em algum lugar visível. Ainda que eu esteja escondida atrás daquela lata de lixo, e se alguma parte de mim não estiver bem recolhida?

A porta do barracão range ainda mais.

Ouçoo um passo pesado. Depois outro. E outro.

Ele está entrando no barracão. Quando percebo, já está completamente ali dentro comigo. Ouçoo sua respiração ofegante. Sinto o cheiro do seu hálito nojento.

Ele está falando algo, o que me diz que sabe que estou ali.

— Saia, saia, de onde você esteveer — cantarola ele e, se não fosse por isso, eu acharia que ele realmente me viu. Mas não

sou idiota, por mais que aquela mulher ache que sou. Não sou nenhuma tola. Se ele soubesse onde estou, já teria me pegado. Mas tudo o que ele tem é um palpite.

Ele jura de pés juntos que não vai me machucar.

— Só saia, garotinha, e vou levar você pra casa.

Não acredito nele. Ou talvez acredite. Exceto que *casa* não é a *minha* casa. Ele não pretende me levar de volta para papai. Não, esse homem pretende me levar de volta para a casa dele e me trancar de novo naquele calabouço, depois de me dar uma lição sobre enfiar colheres nas pessoas.

Encolho-me ainda mais numa bolinha. Prendo a respiração. Mordo o lábio e aperto os olhos com mais força, porque, de algum modo, não ver faz tudo parecer menos real.

Algo dentro do barracão cai com um estrondo. Levo um susto. Preciso reunir toda a força que tenho para não gritar. Seja o que for, o homem derrubou de propósito, tentando me assustar e me tirar do esconderijo. Outra coisa cai. Ele está derrubando tudo de propósito. Abro um olho e vejo uma caixa de pregos espalhada pelo chão de madeira. São afiados como adagas.

Penso em todas as coisas horríveis que esse homem poderia fazer comigo usando aqueles pregos. Ele está mais furioso que nunca. Despertei o demônio nele quando o perfurei com a colher. Ouço a voz da mulher sibilando do outro lado da parede do barracão. Ela o chama, dizendo para ele parar de fazer tanto barulho, porque alguém pode ouvir.

— Você a viu? Ela está aí dentro? — pergunta a mulher.

O homem solta um longo suspiro e diz:

— Não está aqui.

A luz da lanterna se afasta de mim. Os passos recuam, e ele sai.

Do outro lado da parede, eles conversam baixinho, tentando pensar em um plano para me encontrar. Ele vai para um lado, ela vai para o outro.

Faço um plano também. Vou ficar exatamente aqui.

— Tudo certo em casa? — pergunta o homem, e sei que é de Gus que ele está falando.

— Tudo certo — responde a mulher, e então percebo que ela realmente pegou Gus e o levou de volta. Agora o Gus está trancado no

porão sem mim. Ou talvez esteja morto. Porque essa seria a melhor maneira de me punirem pelo que fiz: machucando ou matando Gus.

Quero chorar, mas não posso, porque chorar me entregaria. Eu poderia me render e voltar a viver naquele porão com Gus, mas não posso. Um de nós precisa sobreviver a isso e contar ao resto do mundo onde estivemos todo esse tempo. Pelo bem de Gus, agora mais do que nunca, eu preciso viver.

A luz surge no barracão para me fazer companhia. Entra pelas frestas das tábuas de madeira. É dourada, amarelada, algo que não via havia anos. Ver a luz do sol quase me faz chorar, mas não choro, porque chorar não vai adiantar nada. Preciso manter a cabeça no lugar se quiser tentar encontrar o caminho de casa.

O barracão, agora que o vejo à luz do dia, é velho e frágil. Há um cortador de grama e uma escada aqui dentro, e um monte de bicicletas quebradas. Eu me levanto, tento contorná-las, mas minhas pernas estão dormentes por causa da maneira como fiquei sentada. Não dormi a noite inteira. Passei o tempo todo encolhida em uma bola, esperando aquele homem voltar.

Em algum momento da madrugada, começou a chover. Ouvei as gotas batendo no telhado e, de vez em quando, uma gota perdida se infiltrava no barracão, caindo nos meus braços e no meu rosto. Tentei juntar aquela água nas palmas das mãos e beber, mas nunca havia mais que duas gotas. Estou morrendo de sede. Minha garganta está completamente seca. Não bebo nada há dias. Meus lábios também estão secos. Estão rachados e sinto sangue neles. Passo a língua sobre o sangue e o provo.

Enquanto estava chovendo, precisei de toda a força que tinha para não sair, deixar a segurança do barracão e virar o rosto para o céu com a boca aberta. Mas estava morrendo de medo de o homem estar me esperando lá fora. Então me contentei em beber uma gota de cada vez.

Meu corpo dói agora, de tanto correr. Há sangue seco nas minhas mãos e pernas. É de quando tropecei na árvore. Meus pés também estão cobertos de sangue. Há lascas de madeira e pedrinhas grudadas neles. Dói andar, mas ando mesmo assim,

porque não tenho outra escolha. À luz do sol, vejo cicatrizes nos meus braços, de sei lá o quê. Provavelmente de todas as vezes que aquela mulher me bateu com o cinto, ou daquela vez que jogou água quente que cheirava a piscina em mim. Aquilo doeu demais, isso quando não coçava a ponto de me enlouquecer.

Vou até a frente do barracão, mas não saio logo de cara. Fico parada na soleira, olhando para fora, observando os arredores. Não sei onde estou. Não sei se estou sozinha, se tem alguém me vigiando.

Há uma casa ao lado. É grande, branca e está caindo aos pedaços. Está inclinada, a varanda é torta e uma janela quebrada foi remendada com fita vermelha. Sai fumaça da chaminé – é o único sinal de que a casa não está abandonada, de que alguém ainda mora lá.

O mundo aqui fora está molhado por causa da chuva, embora não esteja mais chovendo. O sol está começando a nascer. O céu está cheio de nuvens fofas, em tons de rosa e azul. Ver cores assim me faz perder o fôlego. Faz tanto tempo que não vejo cores. Preciso pensar um pouco para lembrar o nome delas. Há amarelo sob as nuvens, o sol onde o céu encontra a terra.

A própria terra parece embaçada, como se houvesse nuvens subindo do chão também. O mundo é imenso, esmagador. Percebo que sinto falta da escuridão do porão fechado, porque, embora fosse o pior lugar do mundo, havia algo em estar trancada que me fazia sentir segura. Havia apenas uma entrada e uma saída. Ninguém podia se aproximar de mim sem que eu soubesse. Mas aqui coisas ruins podem vir de qualquer direção. A luz do sol está ficando tão forte que mal consigo abrir os olhos. Sinto o perigo em toda parte, à espreita, escondido onde eu não posso ver.

O barracão me parece seguro e fechado, como o porão. Tenho vontade de me trancar lá dentro e ficar ali. Preciso me dar uma boa bronca para reunir coragem de sair.

Dou um passo hesitante. Pouso o pé descalço na grama molhada. Há uma poça ali. Está suja de lama e morna, mesmo assim me abaixo e tomo um gole grande e longo daquela água suja antes de me levantar novamente.

Decido na hora que não vou até a casa ver se há alguém. Porque não sei quem mora lá, nem que tipo de gente é. Não sei se são do tipo de gente que rouba crianças que não são suas e as mantém presas.